

**Em e a partir de Lisboa**

27/10/84

# **Bandidos armados ameaçam empresários portugueses**

**A AIM soube quinta-feira, de dois casos concretos de industriais portugueses, com interesses em Moçambique, que foram ameaçados pelo MNR. Ambos estão presentemente em Maputo.**

Os dois dizem querer manter o anonimato, porque temem acções contra os seus trabalhadores e contra familiares seus, assim como contra si próprios.

Pelas mesmas razões, dizem que não querem fornecer quaisquer dados que possam identificar perante os seus inimigos o facto de que falam com a Imprensa.

As ameaças têm sido feitas por carta ou por telefone.

Elas centram-se, fundamentalmente, no seguinte: ou os ameaçados pagam quantias elevadas para os seus interesses não serem atacados pelos bandidos armados, ou, no caso de não pagarem, podem ser mortos.

Entre 1978 e 1980, este tipo de actuação foi muito utilizada pelo MNR a partir de Rodésia, visando principalmente empresários portugueses que trabalhavam em Moçambique.

Também nessa altura, era utilizada — para este tipo de guerra psicológica — a Rádio dos bandos arma-

dos, conhecida em Moçambique por «Rádio Quizumba». Esta emissora, que em 1980 passou da Rodésia para a África do Sul, e foi fechada após Nkomati, chegou a ameaçar de morte jornalistas moçambicanos e estrangeiros cujo trabalho não favorecia os objectivos do banditismo.

Nos últimos meses, este fenómeno das ameaças voltou a ser posto em prática, predominantemente em e a partir de Lisboa.

De novo, a maior parte dos ameaçados é composta por empresários portugueses.

Estes empresários têm uma certa relutância em queixar-se à Polícia Judiciária em Portugal porque, dizem, ela está muito infiltrada por elementos afectos ao MNR, de uma maneira geral antigos membros das estruturas policiais coloniais em Moçambique.

— A acção destes polícias nem sempre reflecte uma tomada de posição política. Ela, por vezes, é mais reflexo de uma posição afectiva relacionada com o seu passado, em Moçambique e com as amizades que contrairam em Moçambique com pessoas hoje envolvidas no MNR — disse à AIM uma pessoa que está a investigar todo este assunto.